

DIÁLOGO COM BYUNG-CHUL HAN

DIALOGUE WITH BYUNG-CHUL HAN

Prof. Dr. Jean Pierre Chauvin¹
Universidade de São Paulo
tupiano@usp.br

Resumo: Byung-Chul Han tem se dedicado a apresentar arqueologias de conceitos que revelam o vasto repertório que mobiliza e nos autoriza a supor que certas matérias precisam ser buscadas tanto na literatura, quanto na psicologia; tanto na história dos homens, quanto no modo como se relacionam em sociedade. Debruçar-se sobre os ensaios do filósofo coreano revela que certas questões podem ser melhor respondidas desde que recorramos ao diálogo entre áreas de conhecimento. Neste artigo, propõe-se desdobrar alguns dentre os argumentos encontrados em *Agonia do Eros*.

Palavras-Chave: Eros; Tânatos; Cultura; Trabalho.

Abstract: *Byung-Chul Han has been dedicated to presenting concepts archeology, which shows her repertoire which he mobilizes. This authorizes us to suppose that certain subjects need to be sought both in literature and in psychology; both in the history of men and in the way they society relationship. Dealing with the essays of the Korean philosopher reveals that certain questions can be better answered if we consider the dialogue between different knowledge areas. In this article, we propose to unfold some arguments found in Agony of Eros.*

Keywords: *Eros, Tanatos, Culture; Work.*

242

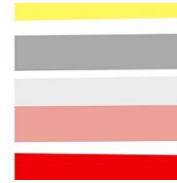
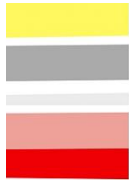
*“Half a goon and half a god
A man's not made of steel”
(Devo)²*

*“Do you believe in Heaven above?
Do you believe in love?”
(Real Life)³*

¹ Docente do Curso de Editoração na Escola de Comunicações e Artes da USP. Responsável pela disciplina de graduação *Romance Distópico*.

² “Gates of Steel” (Debbie Smith / Gerald Casale / Mark Allen Mothersbaugh / Sue Schmidt). In: Devo. *Freedom of Choice*, BMG, 1980.

³ “Send me an Angel” (David Sterry / Richard Zatorski). In: Real Life. *Heartland*, Wheatley Records, 1983.



Tânatos

Faz algum tempo que o destino dos homens deixou de corresponder ao preceito aristotélico da busca pela felicidade. A julgar pelo que disseram Sigmund Freud e, mais recentemente, Byung-Chul Han, o objetivo imediato dos indivíduos tornou-se aprimorar sua cota de racionalismo, no século XVIII; de civilização, no século XIX; de produtividade⁴, a partir de 1950 – período, este, que se convencionou chamar de pós-moderno – sob a perspectiva em voga de que o bem-estar e o lazer não seriam pré-condições para viver maior e melhormente, mas recompensas pela maior eficácia e eficiência como prestadores(as) de serviços.

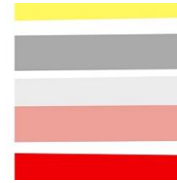
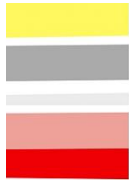
Engana-se quem pretende separar a esfera individual do âmbito coletivo, como se dispuséssemos de botões *on/off*, feito os *gadgets* que utilizamos. Há quase um século, Freud (2016a, p. 19) defendia que “Nosso atual sentimento do Eu é, portanto, apenas o vestígio atrofiado de um sentimento muito mais abrangente [...] que correspondia a uma mais íntima ligação do Eu com o mundo em torno”. Em nossos dias, Han (2017, p. 8) sugere que “O eros aplica-se em sentido enfático ao outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu. No inferno do igual, que vai igualando cada vez mais a sociedade atual, já não mais nos encontramos, portanto, com a experiência erótica”.

Quer dizer, estaríamos embalados por retribuições existenciais, atreladas ao quociente de produtividade que atingimos. Ora, na década de 1960, Erich Fromm⁵ e Guy Debord⁶ já discutiam se a condição de *ser* implicava *ter* coisas – em ressalva ao princípio do liberalismo (econômico) acumulativo, embutido no Capitalismo mais voraz. A questão de fundo era questionar em que medida a dignidade de alguém poderia ser aferida pelas suas rendas, posses e cifras bancárias. Como se desconfia, evoluímos para trás: em nossos dias, a apologia em favor da essência beira a ingenuidade e soa como charlatanice. Para Byung-Chul Han é preciso ampliar acepção do sistema, para além da sua faceta supostamente metafísica:

⁴ “A racionalidade administrativa consiste em sustentar que não é necessário discutir os *fins* de uma ação ou de uma prática, e sim estabelecer *meios* eficazes para a obtenção de um objeto determinado” (CHAUI, 2014, p. 55).

⁵ “[...] vivemos numa sociedade que repousa na propriedade privada, no lucro e no poder, como pilares de sua existência. Adquirir, possuir e obter lucro são os direitos sagrados e inalienáveis do indivíduo na sociedade industrial” (FROMM, 1977, p. 81).

⁶ “A classe dominante, feita de especialistas da posse das coisas – que, por isso, são eles mesmos possuídos pelas coisas -, deve ligar seu destino à manutenção dessa história reificada, à permanência de uma nova imobilidade na história (DEBORD, 2007, p. 100).



[...] em contraposição à suposição muito difundida (p. ex., por Walter Benjamin), o capitalismo não é uma religião, pois cada religião opera com culpa e desculpa. O capitalismo só é *inculpador*. Não dispõe qualquer possibilidade de expiação, que pudesse livrar os culpados de sua culpa. A impossibilidade de desculpa e expiação é responsável também pela depressão do sujeito de desempenho (HAN, 2017, pp. 24-25 – *grifo do autor*).

A sinonímia, agora, dá-se não entre *ter* e *ser*, mas entre *produzir* e *existir*. Ora, o direcionamento a libido para as tarefas não prazerosas estava no cerne da sublimação, como a entendia Freud (2016a, p. 304): “O mais importante destino de um instinto parecia ser a *sublimação*, em que objeto e meta são mudados, de forma que o instinto originalmente sexual passa a encontrar satisfação numa realização não mais sexual, vista como de maior valor social ou ético”.

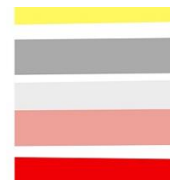
O léxico racionalista avança sob o devorar da espécie, que não se confunde com a autofagia, mas sim com a utilização do outro. “Não se pode amar o outro, a quem se privou de sua alteridade; só se pode consumi-lo. Nesse sentido, enquanto for fragmentada num objeto parcial sexual, não será mais uma *pessoa*. Não existe personalidade sexual” (HAN, 2017, p. 27).

244

As crises de relacionamento pessoal ligam-se à atuação coletiva: o narcisismo consumista evoluiu para a forma dos megaindivíduos, a disputar centímetros, gritos, holofotes, *likes* e *hits* numa sociedade de sujeitos atomizados, paradoxalmente cheios de si, mas vazios em relação aos demais. Quanto mais denegamos o senso de coletividade e mais introjetamos a falsa crença de que o sucesso pessoal depende da pretensa exclusividade de seres unos, mais condenamos o emprego de certas palavras como *solidariedade*, *união*, empatia ou *comunidade*, pois elas sinalizariam indesejável grau de compaixão: “A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão” (HAN, 2017, p. 29).

A capacidade de solidarizar-se com a causa “dos outros” tem sido dissimulada, quando não contestada, segundo a ideologia de que o sucesso só depende de cada um.⁷ A empatia passou a ser vista como sinal de fraqueza que o ser humano do terceiro milênio, utilitário e

⁷ Em 1993, Renato Janine Ribeiro havia detectado que: “[N]Estes últimos anos, no discurso dos governantes ou no dos economistas, ‘a sociedade’ veio a designar o conjunto dos que detêm o poder econômico, ao passo que ‘social’ remete, na fala dos mesmos governantes ou no dos publicistas, a uma política que procura minorar a miséria” (RIBEIRO, 2000, p. 19).



escravo de nosso admirável velho novo mundo, deve substituir pela impassibilidade, que caracteriza a lógica binária e rasteira da recompensa: a vantagem pecuniária, o diploma, o nome na lista de presença, o brilho do próprio nome. Na síntese de Alain Renaut (2004, p. 10):

[...] o que define intrinsecamente a modernidade é, sem dúvida, a maneira como o ser humano nela é concebido e afirmado como fonte de suas representações e de seus atos, seu fundamento (*subjectum*, sujeito) ou, ainda, seu autor: o homem do humanismo é aquele que não concebe mais receber normas e leis nem da natureza das coisas, nem de Deus, mas que pretende fundá-las, ele próprio, a partir de sua razão e de sua vontade.

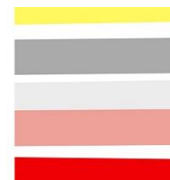
Os constantes ataques de alguns setores da sociedade aos tipos sensíveis, e também aos intelectuais (por extensão, à coisa pública), envolvem um modo estreito e tacanho de conceber um país exclusivista, como o nosso, em que uns e outros se relacionam segundo a órbita planificada pelo dogmatismo de pseudorreligiosos e o descaso de incertos políticos, armados de pistola, bíblia e má-intenção. O terreno é dos mais férteis para que se introjete a ideologia do êxito pessoal e profissional, simulacros da suposta liberdade:

Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submisso a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram; mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quiçá por decisão pessoal. O explorado é o mesmo explorador (HAN, 2017, pp. 21-22).

O estreito lugar ocupado pelas emoções se soma à incapacidade de desenvolver raciocínios para além da calculadora em benefício próprio. De um lado, a incompetência para a (des)ordem dos afetos parece ter moldado uma parte considerável da população, induzindo-a a acreditar que é meritório (e, talvez, mais digno) pagar pela saúde e pelos estudos do que “depende” de uma vaga subtraída ao Estado – apesar de ultimamente o Estado evitar olhar em nossa direção, salvo quando a bordo de helicópteros enfeitados por metralhadoras.

A concepção megaindividualista não costuma ver com bons olhos qualquer coisa que cheire a coletividade, pois a confunde com assistencialismo do Estado, ou sinal de derrota pessoal para o *sistema*, o que quer que *isso* signifique. Nesse sentido, o interesse do Eu pelo Outro aciona os mecanismos de defesa, já que Eros “interrompe a relação de troca. Sobre a alteridade não é possível estabelecer um registro de controladoria. Ele não entra no balanço de débitos e créditos” (HAN, 2017, p. 35).

No âmbito da Educação, nunca os estudantes estiveram tão órfãos de pais e demais referências. Se Freud voltasse ao nosso convívio teria que repensar e reescrever “O futuro de



uma ilusão”⁸. Diríamos algo similar sobre “*Os nomes do pai*”, de Jacques Lacan (2005, p. 73): “O pai primordial é o pai anterior ao interdito do incesto, anterior ao surgimento da Lei, da ordem das estruturas da aliança e do parentesco, em suma, anterior ao surgimento da cultura”.

Por que isso acontece? Em parte, porque o megaindivíduo voltou a sentir falta de um messias, de um “pai primordial”, embora negue a autoridade de figuras que reverberem a paternidade que deixou de haver. Some-se a isso a confusão que a criatura, sem repertório, imatura e desamparada, faz entre o professor (concreto e particular) e a autoridade (abstrata e geral).

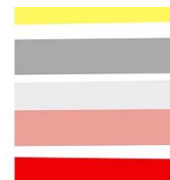
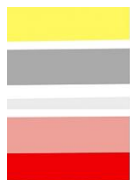
O indivíduo “órfão”, descrito por Freud em *O futuro de uma ilusão*; o sujeito que confunde (e rejeita) autoridades, segundo Lacan em *Os nomes do pai*; a criatura padronizada e contraditória, desenhada por Marcuse em *O homem Unidimensional*; o tipo narcisista que não distingue o seu limite em relação ao outro, como propõe Byung-Chul Han em *Agonia do Eros*, sugerem que a evolução do homem chegou ao fim. Passamos a *involuir*, como anunciava a banda *Devo*, ao entoar versos agitados sobre acordes menores, segundo a estética *New Wave*, ao final da década de 1970.

246

O caráter prospectivo e a crença desmedida no progresso, alavancados pelas fornalhas, a filosofia e as ciências, entre o final do século XVIII e meados do século XX, transformaram a expectativa em valor *per se*. Não foi à toa que a ansiedade e a síndrome do pânico se tornaram distúrbios, desde os anos de 1960. Ora, é a mesma focalização do futuro que ampara a crença de que progredir é assegurar o bem-estar do presente e a segurança no porvir.

Se a fé ainda permite conceber o mundo dogmaticamente, como se se tratasse de um *looping* histórico, o consumismo evidenciou que não sabemos lidar de modo maduro com as frustrações do presente. Não seria descabido perguntar-nos onde ficou o pretérito, na sociedade do dogma, da imediação e do amanhã. Resposta: no mesmo lugar para onde foi empurrada a ilógica dos afetos. Analogamente ao encaixotamento do passado em livros a serem lidos em brevíssimo tempo, Eros “foi *domesticado* numa fórmula de consumo desprovida de risco e ousadia, sem excesso e delírio. Evita-se toda e qualquer negatividade, todo sentimento negativo” (HAN, 2017, p. 40).

⁸ “Com o tempo, são feitas as primeiras observações de regularidades e de leis nos fenômenos naturais, e, com isso, as forças da natureza perdem seus traços humanos. Mas o desamparo dos homens permanece, e, com ele, os deuses e o anseio pelo pai. Os deuses conservam a sua tripla tarefa: afastar os pavores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do destino, em especial como ela se mostra na morte, e recompensá-los pelos sofrimentos e privações que a convivência na cultura lhes impõe” (FREUD, 2010, p. 36).



E como “viver é negócio muito perigoso” (ROSA, 2001, p. 26), segundo o narrador loquaz do *Grande Sertão: Veredas*, “A defesa do mero viver, hoje, se intensifica e vai se transformando numa absolutização e fetichização da saúde. O escravo moderno a prefere frente à soberania e à liberdade”. Por isso mesmo, “Onde se santifica o mero viver, a teologia dá lugar à terapia” (HAN, 2017, p. 42).

Certamente, a menor porção de interesse reservada ao passado e a suas matérias reduziu-se, espremida entre o presente do antienvelhecimento e o futuro planejado. Para os terráqueos que só veem ideologia naquilo que negam, era de se esperar que a política fosse rebaixada à politicagem vexatória, reservada aos velhacos (que tudo rapam) e aos simplórios (que “só falam de política”). “O neoliberalismo aciona uma despolíticação geral da sociedade onde ele, não por último, substitui o eros por sexualidade e pornografia” (HAN, 2017, p. 77).

Não há maior lugar para a reflexão; mas sobra espaço para o cálculo, o plano anual, o prognóstico: viagens periódicas, roteiro de férias, troca do veículo, substituição do celular. Apesar da sanha de futuro, há um aspecto característico da chamada Idade Média que retornou. O porvir é renunciado como a fusão entre as facilidades (tecnológicas) do presente e a supremacia impessoal de logo mais.

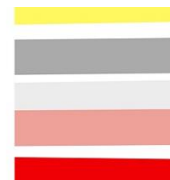
247

Eros

É da ordem dos afetos que se está a falar. Exemplos colhidos na literatura poderiam ilustrar melhor o que se quer dizer. Herdeiro da *auctoritas* de Dante e Petrarca, Camões (2008, p. 270) reproduzia a infabilidade do amor: “Amor, coa esperança já perdida, / Teu soberano templo visitei; / Por sinal do naufrágio que passei, / Em lugar dos vestígios pus a vida”. O cavaleiro da Mancha sabia que:

[...] o amor não tem olhos para respeitos nem guarda termos de razão nos seus discursos, e tem a mesma condição que a morte, que assim acomete os altos alcáceres dos reis como as humildes choças dos pastores, e quanto toma inteira possessão de uma alma, a primeira coisa que faz é tirar-lhe o temor e a vergonha (CERVANTES SAAVEDRA, 2012, p. 670).

Byung-Chul Han desvela o paradoxo (aparentemente invisível ao “sujeito do desempenho”) embutido nessa binomia. Isso porque, enquanto Eros implica perda de poder na relação predatória e descartável com o outro, o Poder envolve a retomada do controle de si



mesmo, de suas faculdades, poderoso antídoto contra o desvario, o deslize, o descontrole, o desejo. Como percebera Herbert Marcuse (1969, p. 37):

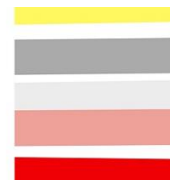
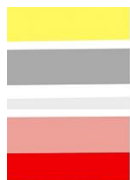
A subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos, não é imposta pela natureza, mas pelo homem. O pai primordial, como arquétipo da dominação, inicia a reação em cadeia da escravização, rebelião e dominação reforçada, que caracteriza a história da civilização. Mas, desde a primeira e pré-histórica restauração da dominação, após a primeira rebelião contra esta, a repressão externa foi sempre apoiada pela repressão interna: o indivíduo escravizado introjeta seus senhores e suas ordens no próprio aparelho mental.

Se durante milênios, Eros fora o salvo conduto contra o tédio, o poder e a morte, em nosso tempo ele representa digressão, desvio de rota, improdutividade. Daí o êxito dos aplicativos de encontro, que permitem afeições pela metade. O amante que mira o sublime converteu-se em usuário rasteiro, desprevenido contra os arroubos, a palavra desmedida, a lágrima inconveniente. Não há contrato emocional, só acordo tácito pré-nupcial. Por conta e risco, aventura-se pouco, segundo a lógica fria e insossa dos algoritmos.

Numa sociedade na qual cada um é o empresário de si mesmo vigora uma economia do sobreviver. É diametralmente oposta à anecomia (*Aneconomie*) do eros e da morte. O neoliberalismo, com seus impulsos do eu e desempenho desenfreados, é uma ordem social da qual o eros desapareceu totalmente. A sociedade da positividade, donde se ausentou a negatividade da morte, é uma sociedade do *mero viver* (HAN, 2017, p. 52 – *grifos do autor*).

Pensar nisso há, digamos, trinta anos, seria matéria suficiente para produzir um romance distópico. É que as utopias e as distopias avançam ou recuam em acordo com o maior ou menor grau de inconformismo ou resignação: “o que nos ameaça é antes o *fim da cupidez*” (HAN, 2017, p. 67 – *grifos do autor*). Evidentemente, a questão não é nova, nem inspira ou pretende originalidade. Como se supõe há quase um século, o rival mais imediato do homem seria a a civilização, cujas regras introjeta e defende.

Qual o lugar da civilização e da democracia numa sociedade que cultiva a violência e positiva o ódio como se se tratasse de sentimento legítimo e legitimado pela série de absurdos disputados pelos jornais ditos tradicionais e os chamados alternativos. Qual a engrenagem do discurso de ódio? Para Christian Dunker (2017, pp. 72-73), “O aspecto mais interessante da gramática do ódio é sua função erótica. O ódio incita o excesso, permitindo que, em doses pequenas e calculadas, ele separe a ternura da sexualidade, gerando um incremento de excitação”.



Ora, quem discorre sobre civilização, nos termos como o conceito é compreendido desde o século XVI, não ignora que a atuação civil pressupõe a comunhão de pessoas e a relativa afinção de interesses comuns. Certamente não é esse o modelo em voga hoje. A noção de coletividade, embora cara ao mundo supostamente civilizado, é gradativamente substituída pela primazia do eu. Radicalizam-se narcisismos, com a pretensão de revelar identidades e marcar diferenças em relação ao outro. Em *O Futuro de uma Ilusão*, Freud salientava que:

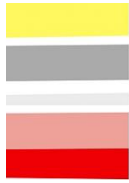
É notável o fato de os seres humanos, por mais que não possam viver em isolamento, considerarem opressivos os sacrifícios que lhes são exigidos pela cultura com o propósito de possibilitar uma vida em comum. A cultura, portanto, precisa ser defendida contra o indivíduo, e as suas disposições, instituições e mandamentos se colocam a serviço dessa tarefa; não apenas objetivam estabelecer certa divisão de bens, mas também mantê-la, e precisam, inclusive, proteger dos arroubos hostis dos homens tudo aquilo que serve para dominar a natureza e para a produção de bens. As criações humanas são fáceis de destruir, e a ciência e a técnica que as construíram também podem ser empregadas na sua aniquilação (FREUD, 2010, pp. 22-23).

A seu turno, o amor, que já esteve vinculado ao saber, durante a Antiguidade, cedeu lugar às regras de civilidade, entre o final da Idade Média e o início da Era Moderna, tornou-se marca da crescente individuação, durante o século XIX e boa parte do século XX, e converteu-se em atomização dos sujeitos. Por que Eros ocupa lugar cada vez menor, à medida que o homem avança, encapsulado pelos deveres?

Na década de 1930, Freud (2016b, p. 31) supunha que “Não é de admirar que, sob a pressão destas possibilidades de sofrimento, os indivíduos costumem moderar suas pretensões à felicidade – assim como também o princípio de prazer se converteu no mais modesto princípio da realidade”. Para Han (2017, p. 11), “O sujeito do desempenho depressivo mergulha e se afoga em si mesmo. O eros, ao contrário, possibilita uma experiência do outro em sua alteridade, que o resgata de seu inferno narcisista”.

Na Era da Informação, delimitar os afetos tornou-se uma virtude do avesso. Há que se ganhar tempo, todo o tempo. Para Byung Chul Han (2017, p. 68), as esferas se confundem, com prejuízo de Eros: “A *high definition* informacional não deixa nada indefinido. Mas a fantasia habita um espaço indefinido. Informação e fantasia são forças contrapostas”. Christian Dunker (2017, p. 13) lembra que:

Déficits e excessos de individualização revelam-se na própria experiência de sofrimento e na forma de fugir e negá-la. Isso aparece, por exemplo, na



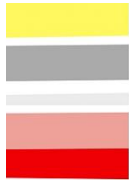
tendência à hipersocialização, a disposição a ficar permanentemente ligado, ocupado ou disponível, como na impotência para constituir situações e percursos de real solidão ou intimidade. Como toda política, ela faz um corpo, ela cria unidades de discurso, ela define um coletivo identificado por um mesmo traço ou uma mesma suposição de desejo ou de demanda.

Não será demasiado lembrar que *apaixonar-se* implica submeter-se à ilógica dos afetos, como sugere o étimo (*páthos* > *passus*)⁹. No limite, o amor torna-se empecilho para o cálculo, a projeção de metas, a produtividade. A narradora de *Água Viva* alertava: “Amor demais prejudica o trabalho” (LISPECTOR, 1976, p. 11). Eros, a exemplo dos efeitos despertados pela arte, é improdutivo (no sentido da racionalidade empresarial, prestadora de serviços). É justamente dessa falta de produtividade que mais carecemos.

Referências

- CAMÕES, L. V. de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.
- CERVANTES SAAVEDRA, M. de. *O engenhoso cavaleiro D. Quixote de La Mancha*. 3ª ed. Trad. Sergio Molina. São Paulo: Editora 34, 2012.
- CHAUI, M. *A ideologia da Competência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014 (Organizador do volume: André Rocha).
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. 9ª reimp. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- DUNKER, C. *Políticas do sofrimento cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.
- FREUD, S. “Psicologia das Massas e Análise do Eu” e “Psicanálise e Teoria da Libido”. In: _____. *Obras Completas*, vol. 15. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a, pp. 13-113 e pp. 274-308.
- _____. “O mal-estar na civilização”. In: _____. *Obras Completas*, vol. 18. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b, pp. 13-122.
- FROMM, E. *Ter ou ser?* Trad. Nathanael Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- HAN, B-C. *Agonia do Eros*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

⁹ Cf. Antônio Geraldo da Cunha. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 2010, p. 469; e Jair Lot Vieira. *Dicionário Latim – Português*, 2016, p. 296.



LACAN, J. *Nomes-do-Pai*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LISPECTOR, C. *Água Viva*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

MARCUSE, H. *Eros e Civilização: uma introdução ao pensamento filosófico de Freud*. 4ª ed. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

RENAUT, A. *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. 2ª ed. Trad. Elena Galdano. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

RIBEIRO, R. J. *A sociedade contra o social: o alto custo da vida pública no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ROSA, J. G. *Grande Sertão: Veredas*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VIEIRA, J. L. (supervisão editorial). *Dicionário Latim-Português – termos e expressões*. São Paulo: Edipro, 2016 [Revisão Técnica: Alexandre Hasegawa].

Recebido em: 24 de junho de 2019.

251

Aprovado em: 10 de agosto de 2019.